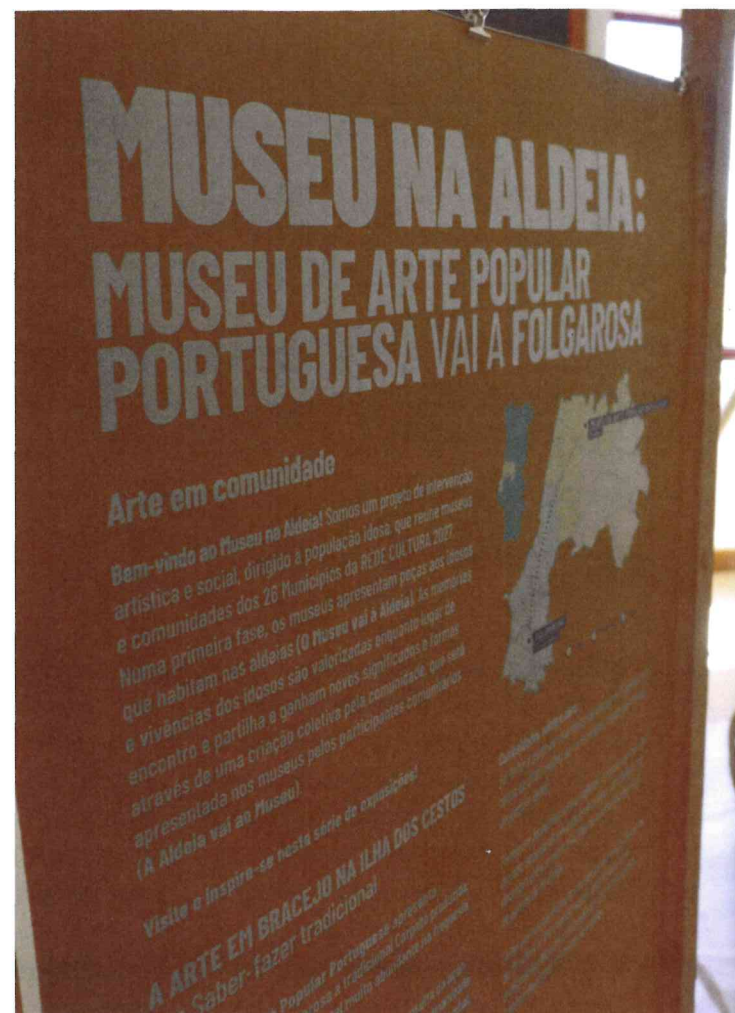


SAMP

Sociedade
Artística Musical
de Pousos



crédito da imagem @Gabriela da Rocha

a arte de levar o Museu à Aldeia

Em Leiria há uma associação que leva o Museu à Aldeia. Isto faz-se levando uma peça à comunidade para que esta a interprete com criatividade e prazer. Acompanhe a visita que a museóloga da SAMP, Gabriela da Rocha, nos proporcionou e descubra como é possível que a arte entre no quotidiano das pessoas mais idosas.

Pode fazer um enquadramento sobre o que é a Sociedade Artística Musical de Pousos (SAMP), nomeadamente no domínio do ensino artístico e na intervenção social que realizam?

A SAMP é uma instituição de utilidade pública centenária. Foi fundada em 1873 e está localizada em Pousos, Leiria. Desde a sua criação tem tido uma atividade ininterrupta na área de projetos artísticos e culturais. Surgiu pela mão do Barão de Viamonte (o seu primeiro presidente), figura de realce na política nacional. A história é muito bonita, pois o barão viu o interesse dos trabalhadores em terem acesso a instrumentos musicais e adquiriu alguns, dando origem à Banda Filarmónica. Esta é uma casa artística, em termos amplos.

A SAMP tem crescido imenso e estamos a desenvolver projetos na área social, nomeadamente no âmbito da Formação, Musicoterapia e Terapias Expressivas. São trabalhos que furam a barreira dos tabus apoiando, por exemplo, pessoas em final de vida e reclusos, para além de contribuir para dar uma maior dignidade a quem passa por estas situações.



crédito da imagem @SAMP

Entre todos esses projetos, surge também o "Museu na Aldeia". O que é concretamente?

Este projeto surge de um trabalho conjunto entre profissionais de Museus e artistas, e com o apoio da Câmara da Leiria. O objetivo é fazer a inclusão pela arte. O projeto propõe levar objetos museológicos até às aldeias, espaços isolados e com baixa densidade populacional.

Em termos geográficos, qual a área geográfica abrangida?

O projeto está inserido na candidatura de Leiria a Capital Europeia da Cultura. Nesse sentido, realizou-se uma parceria entre os 26 municípios do distrito. Foi, também, feito um trabalho de levantamento em diversas aldeias com características de isolamento social e de baixa densidade demográfica. Depois foram identificadas pelas Câmara e pelas Juntas de Freguesia as aldeias mais isoladas e com maior dificuldade de acesso a programação cultural. É um projeto dedicado a uma faixa etária mais envelhecida e que pretende dinamizar culturalmente essas regiões, democratizando o acesso à arte.

O Museu não vai só à aldeia, como muitas vezes vai também à casa das pessoas...

É verdade. O trabalho de parceria com os Municípios e as Juntas de Freguesia tem sido muito intenso, mas também com muita alegria. Estas instituições têm contactado as comunidades (porque as conhecem melhor) e são eles que indicam quais os espaços mais propícios para a implementação do projeto. E temos espaços completamente inusitados, desde o mercado do peixe, até à igreja e mesmo casas de moradores que conseguem abraçar plenamente esta ideia. E este é o nosso desejo: que as comunidades se unam, que as pessoas sintam a vizinhança em pleno e que haja um verdadeiro sentimento de pertença. É algo muito bonito de se ver. Queremos que isto continue.

Falamos de territórios com baixa densidade populacional, o que proporciona um maior isolamento dessas pessoas. Este Museu combate a solidão? Interrompe rotinas?

O Instituto Politécnico de Leiria (IPL) é um dos nossos parceiros e, nesse contexto, fará um estudo que permitirá avaliar o impacto do projeto, nomeadamente no que diz respeito ao índice de solidão das pessoas, sendo que esse sentimento foi agravado pela situação pandémica.

O projeto foi idealizado em 2018, ganhou forma no ano seguinte e foi implementado em 2020. Tem tido várias fases, mas começou, efetivamente, durante a pandemia e confinamento. Foi um período desafiante, como em todo o setor cultural, mas que deu ainda mais sentido ao projeto.



“ Não foi fácil implementar [Museu na Aldeia], mas esta atividade enche o coração de todas as pessoas envolvidas. Queremos que todos se sintam elogiados e valorizados através do contacto com a arte. ”

Como é que o sentimento de pertença que referiu pode acontecer? Recorrem à aplicação de práticas comunitárias com que as pessoas se identificam?

Este é um projeto que se quer participativo. A escolha da peça do Museu está, muitas vezes, relacionada com a aldeia, mas outras vezes optamos por que haja um encontro pela diferença.

Queremos que as pessoas tenham um contacto com a peça, mas que também sintam que podem continuar a ser criativas, independentemente da idade. A arte proporciona um contacto contemplativo quando vamos ao Museu. Neste projeto queremos passar também para a ação. Queremos que os objetos e as tradições sejam a matéria-prima. Nem sempre privilegiamos o valor histórico ou estético da peça/coleção, mas fazemos sempre um discurso museológico em torno da narrativa e da mensagem que a peça leva à aldeia.

Para isso é feito um trabalho prévio de sensibilização sobre o que é um objeto museológico, a razão porque aquela peça está num Museu e o porquê de a termos levado até à aldeia. Um dos primeiros exercícios que fazemos é convidar as pessoas a trazerem um objeto, porque a narrativa do objeto é tão importante como saber se é de ouro, de prata ou feita por um artista famoso. E depois convidamos as pessoas a falar sobre esse objeto e qual a mensagem que ele transmite.

As peças que utilizam são originais ou réplicas?

Temos um grupo de Museus que trabalham de forma direta connosco (além dos que estão nas aldeias). Para a seleção das peças havia alguns critérios a ter em conta, sendo que um deles foi a conservação preventiva dos objetos, o que eliminou logo peças em papel ou pinturas, porque os objetos ficavam expostos a determinadas situações. A maioria são peças originais, cedidas pelos Museus (algo que foi feito de forma muito estudada em termos de questões de segurança e de conservação), e depois é que foi selecionada a peça. Algumas ficaram no exterior – pela sua dimensão – outras puderam ficar no interior.

Para quem não conhece o projeto, pode explicar como é que ele se desenvolve?

O projeto começa com uma visita da equipa SAMP ao Museu para explicar o projeto, conhecer as coleções e dar a conhecer a aldeia. Depois desse contacto, vamos à comunidade para se tentar caracterizar a aldeia. De seguida, procuramos perceber o que é que a aldeia tem para oferecer (em termos de património, por exemplo). Tentamos também desmistificar a ideia de que um objeto de Museu é apenas algo físico. É uma espécie de curadoria - que foi dificultada pela pandemia - que permite selecionar a peça, a qual é apresentada na aldeia de forma artística, com apoio da equipa SAMP. Entretanto, começa o outro lado do projeto: a parte da cocriação. Depois de apresentação da peça (algumas exposições foram apenas de um dia, outras demoraram um mês e meio), esta volta ao Museu e inicia-se a parte criativa, onde tentamos saber quais as reações que o objeto provocou nas pessoas, qual a interpretação de cada um. Fazemos a mediação para que comece a ser desenhado o conceito que querem criar, seja a partir dos materiais, seja de algo que tenham em casa. É importante que tomem consciência de que depois vão visitar o Museu, mas que não vão de mãos vazias, vão levar a obra que criaram em comunidade.

Mostram a peça, mas a interpretação que a aldeia vai fazer é individual ou coletiva?

Há lugar para as duas formas de interpretação artística. Não dá para ser um projeto impositivo. Temos que fazer a mediação com os elementos que trazem, com o que valorizam. Alguns querem falar de algo novo, para lá da tradição. Esse é um elemento diferente, capaz de ligar o passado ao presente.

A partir desse contacto (com apoio das psicólogas ligadas ao projeto), tentamos integrar pessoas com dificuldades motoras, as que têm habilidades especiais, entre outros elementos. Descobrimos que temos muitos artistas e procuramos aproveitar esse potencial.

Há aldeias em que os participantes são ousados, pelo que ainda não sabemos se o projeto dará origem a uma peça material ou a uma expressão. Damos apoio técnico, mas no conceito eles também colaboram.

Estão com vários projetos a decorrer em simultâneo?

Sim. A casa está num momento muito feliz. Estamos a avançar com as sessões de cocriação. São cerca de 4 a 5 sessões (este número poderá ser maior) para apoio na criação da obra e perceber, em primeiro lugar, qual a mensagem que querem levar ao Museu e, posteriormente, tentar materializar num objeto ou numa expressão artística, para que na segunda sessão se comece a introduzir a técnica, apresentação de materiais, etc.

Nem todos os intervenientes já foram a um Museu. A ideia que têm é que um Museu é de um espaço que tem coisas valiosas, mas não é acolhedor, nem feito para eles usufruírem ou frequentar. Tentamos desconstruir esta ideia e acho que este projeto poderá mudar essa perspetiva.

Como estão a prever que decorra a outra fase do projeto, refiro-me à apresentação no Museu?

Essa apresentação vai ser um momento festivo, com o apoio de toda a equipa técnica, musical e de dança. Todos serão integrados nesse momento. Queremos que tenham uma surpresa na forma como o momento de revelação da peça vai acontecer.

A SAMP não tem um Museu. Acredita que pode vir a ser criado um espaço museológico com tudo o que resultar desta iniciativa?

A SAMP não tem um Museu, mas tem um grande acervo museológico. Uma das propostas é criar uma exposição itinerante sobre o projeto.

Além da pesquisa de impacto, está a ser elaborado um documentário de todo este processo. Queremos, também, criar um Museu Virtual, para além de um caderno de replicação para que esta experiência possa ser pensada para outros locais.

Não sendo um Museu, estão a valorizar o papel dos Museus?

Não somos um Museu, mas trabalhamos a cultura e o património, para além da vertente social. Temos também o privilégio de estar num território rico em tradições e património.

Sendo o público-alvo pessoas mais idosas, qual tem sido a recetividade?

São 13 aldeias muito diferentes entre si. Uma grande parte está recetiva e temos grupos consolidados, outros numa fase inicial estavam renitentes. Mas, globalmente, a recetividade está a ser muito boa.

Conseguem identificar o número de pessoas envolvidas?

Temos alguns dados, mas são variáveis. Chegamos a contabilizar mais de 240 pessoas, o que é significativo numa época de pandemia.

Apesar da pandemia, conseguiram chegar ao grupo?

Sim e fomos muito bem recebidos. Nós não levamos, na verdade trazemos muitas coisas dessas aldeias.

“sente-se feliz na função que exerce?”

Sinto que estou num dos melhores postos de trabalho que podia ambicionar. Acredito que os Museus não são apenas espaços de contemplação.

Devem ser também espaços de criatividade e inspiração. Os objetos museológicos não devem ser apenas colecionados, mas também transformados.

Estou feliz por a SAMP ter esta visão tão à frente em todos os projetos e por fazer parte de uma equipa fantástica que apoia e colabora. Somos uma grande família.



crédito das imagens @Gabriela da Rocha

Quais as entidades envolvidas e que tipo de apoios é que têm para conseguirem consolidar este projeto?

Esta projeto é financiado pelo POISE – Portugal 2020, através da Iniciativa Portugal Inovação Social e tem como investidor social a Câmara Municipal de Leiria, juntando ainda outros parceiros como as Câmaras Municipais e os Museus da Rede Cultura 2027, além do Instituto Politécnico de Leiria e muitas outras instituições.



crédito da imagem @Gabriela da Rocha

Museus e Aldeias: o casamento perfeito

Marinha Grande

Museu do Vidro | Sobral de Monte Agraço · Fetelaria

Castanheira de Pera

Museu Casa do Tempo | Nazaré · Fanhais

Leiria

Museu de Leiria | Bombarral · Columbeira

Pombal

Museu de Arte Popular Portuguesa | Torres Vedras · Folgarosa

Figueiró dos Vinhos

Museu e Centro de Artes | Cadaval · Cercal

Alenquer

Museu Municipal | Torres Novas · Pena e Casal da Pena

Peniche

Rede Museológica do Concelho | Porto de Mós · Casal de Santo António

Lourinhã

GEAL Museu da Lourinhã | Batalha · Alcanadas

Óbidos

Rede de Museus e Galerias de Óbidos | Ourém · Freixianda

Caldas da Rainha

Centro de Artes das Caldas da Rainha | Ansião · Ateanha

Alcobaça

Museu Raul da Bernarda | Alvaiázere · Cabeças

Alcanena

Museu de Aquarela Roque Gameiro | Arruda dos Vinhos · Louriceira de Cima

Tomar

Centro de Estudos em Fotografia de Tomar | Pedrógão Grande · Mosteiro



crédito da imagem @Gabriela da Rocha

a equipa

Raquel Gomes · Coordenadora
Sofia Neves · Apoio na Coordenação/Artista
Gabriela da Rocha · Museóloga
Henrique Chaves · Sociólogo
Roberta Frontini · Psicóloga/Investigadora
Lina Pereira · Psicóloga/Investigadora
Inesa Markava · Bailarina
Ruben Santos · Músico
Jesus Kristen · Músico

muzeus na escola por...



Experienciar os Museus, como uma extensão da sala de aula, é uma tarefa complexa. Inicialmente, ansiámos pela reação dos alunos e pela forma como se vão comportar, o que gera alguma preocupação, no final surpreendemo-nos pelo modo como a generalidade dos alunos interage e valoriza a experiência.

Imaginar mais um ano letivo sem levar os alunos a sentir e viver os Museus, espaços de formação, arte e cultura, tal como nos dois últimos anos, é muito penoso pois sinto que precisam sair da sala de aula e contactar com uma realidade nova, que faz a ponte com os conteúdos lecionados, que lhes proporciona uma explosão de informação, de conhecimento, que os leva a interagir com o meio e, sem eles se aperceberem, a aprender, a consolidar conhecimentos e a pensar no mundo em que vivem.



Tenho o privilégio de trabalhar num Agrupamento de Escolas que possui uma Galeria de Arte, espaço aberto à Comunidade Escolar, onde são realizadas diversas exposições de artistas nacionais (com trabalhos expostos em diversos países), de alunos e ex-alunos, funcionários, encarregados de educação e professores. Estas exposições são experiências verdadeiramente transformadoras para os alunos ao nível da criatividade, da sensibilidade, das atitudes, do espírito crítico e da reflexão sobre o que os rodeia.

Contudo, não consigo conceber o processo de ensino/aprendizagem sem visitar os Museus, sem estes momentos mais lúdicos, menos formais, momentos mais democráticos onde a arte e a cultura podem ser desfrutadas por todos. A maioria dos alunos portugueses só tem acesso aos Museus através da Escola, daí que é função dos professores preparar os alunos para o que vão ver. Todavia, considero que os serviços educativos dos Museus devem interagir com as Escolas, inteirar-se sobre os conteúdos das diferentes disciplinas e oferecer visitas adaptadas. O Museu, onde se admira o diferente, deve ser um espaço acessível e de inclusão, que através da preparação e adequação das visitas deve promover a interação com as obras, procurar estimular a curiosidade nos alunos e a vontade destes regressarem com as suas famílias.

⁽¹⁾ patrono da Escola Diogo de Macedo, escultor, crítico de arte e museólogo [nov.1889 - fev.1959]



citando Diogo de Macedo,⁽¹⁾

As lições dos Museus são as que se aprendem mais facilmente e distraem aqueles que as procuram.

Teresa Magano
professora
agrupamento de
escolas Diogo de Macedo